

## A problemática da narrativa de João do Rio: Crônica ou reportagem?

Mestranda Patrícia de Castro Sousa<sup>1</sup> (UFSM)

### Resumo:

*O trabalho tem por objetivo a análise dos textos de João do Rio publicados em periódicos do início do século XX e compilados no livro A alma Encantadora das Ruas. Nesta obra, figuram traços do discurso jornalístico nos textos literários do autor. Os elementos do jornalismo por ele introduzidos fazem-no inovador no âmbito jornalístico ao passo que tais características se consolidariam na reportagem de décadas adiante. Assim, a problemática inerente ao estilo do autor será o objeto do trabalho, já que crônica e reportagem, jornalismo e literatura, imiscuem-se nos textos deste escritor.*

**Palavras-chave:** Literatura, Jornalismo, Ficção, História

### Introdução

Tânia Carvalhal constata:

(...) A literatura comparada é uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto, confronta-o com outras formas de expressão cultural. É, portanto, um procedimento, uma maneira específica de interrogar os textos literários não como sistemas fechados em si mesmos, mas em sua interação com outros textos, literários ou não (CARVALHAL, 2003 p.49)

Tendo como base a definição acima, neste trabalho, portanto, além das contribuições literárias, será descrito o contexto histórico no qual João do Rio se insere, além dos recursos jornalísticos instaurados a partir da sua atuação como repórter, com o intuito de demonstrar a importância e o enriquecimento que essas duas áreas do conhecimento conferem ao estudo da obra deste autor. Se fechado numa abogadagem imanentista, o trabalho resultaria superficial, haja vista as inúmeras relações (com o literário) que podem ser feitas a partir das considerações expostas a seguir e, principalmente, a contribuição dessa abolição de fronteiras no que concerne ao entendimento da obra de João do Rio.

A passagem pelo contexto histórico da época em que enuncia – o período compreendido entre 1900-1920 – torna-se fundamental, pois João do Rio tenta compor em seus textos uma espécie de retrato desta época conhecida como a *Belle Époque* carioca. Nesse aspecto, suas narrativas levantam ainda a problemática do caráter documental do texto literário pelo fato de descreverem o cenário e os costumes das duas primeiras décadas do século XX. Para Brito Broca, por exemplo, João do Rio seria, acima de tudo, “o repórter, o cronista que se tornou verdadeiro historiador de uma época” (BROCA, 1975, p.249). E o próprio escritor almejava que seus textos servissem de documento histórico para a posteridade.

O trabalho será restrito à análise das narrativas publicadas por João do Rio no jornal *A Gazeta de Notícias* e na *Revista Kosmos* - mais tarde, em 1908, organizadas no livro *A alma Encantadora das Ruas* - e usualmente nomeadas crônicas. Em alguns textos teóricos sobre o escritor, percebe-se a ampla utilização dos termos crônica, reportagem, artigo, em relação a sua produção. Para alguns, crônica ou artigo. Para outros, reportagem. E, em alguns textos, são inclusive empregados como sinônimos. É notório, entretanto, a relevância do discurso jornalístico nos textos literários do autor, o qual possibilita a classificação dos escritos aqui estudados enquanto crônicas-reportagem, seguindo a definição de Luís Martins (In: Rio, João do, 1976, p.7). Não há

como negar que o rumo tomado pelo jornalismo a partir de Paulo Barreto<sup>1</sup> sofreu uma considerável mudança.

## **1 O Rio não civilizado: o referente de João do Rio (A Alma Encantadora das Ruas)**

O Rio de Janeiro na passagem para o regime republicano e com vistas ao modelo europeu, particularmente francês, de comportamento e planejamento urbano, refletem-se no conteúdo d'*A Alma Encantadora das Ruas* (1908), de João do Rio. Mais especificamente, o autor retrata a situação daqueles situados à margem do Centro imponente do então Distrito Federal, vítimas do processo de reajustamento social decorrente do advento da ordem republicana. Antônio Cândido observa, por exemplo, que quando João do Rio, o dândi de polainas, chapéu de côco e monóculo, chega e verifica as condições de trabalho dos operários

o olhar ameno se turva e o monóculo artificial chega a soltar chispas de indignação clarividente. Naquela série d'*A alma encantadora das ruas* o **artigo** 'Os trabalhadores de estiva' denota quase uma tomada de posição, quando louva a organização sindical e a defende das censuras de subversão (CÂNDIDO, 1980, p.90)

Segundo Sevcenko (1995), o progresso tornou-se uma obsessão da nova burguesia, pois a imagem de nação desenvolvida suscitaria credibilidade e investimentos estrangeiros. O progresso, por sua vez, significava alinhar-se aos padrões de Paris em todos os sentidos. Além de extinguir os focos de oposição ao governo (monarquistas e jacobinos, por exemplo) que geravam crises políticas e despesas públicas, era preciso

findar com a imagem da cidade insalubre e insegura, com uma enorme população de gente rude plantada bem no seu âmago, vivendo no maior desconforto, imundície e promiscuidade e pronta para armar em barricadas as vielas estreitas do centro ao som do primeiro grito de motim (SEVCENKO, 1995, p.29)

O processo de Regeneração do Centro do Rio de Janeiro tem como marco inaugural a criação da Avenida Central e a promulgação da lei da vacina obrigatória liderada por Osvaldo Cruz em 1904. Os casarões em estilo colonial que integravam a paisagem carioca e remontavam à tradição imperial, foram demolidos; as ruelas tortuosas, substituídas por avenidas largas, praças e jardins adornados com palácios de mármore, cristal e estátuas importadas da Europa. "O mármore dos novos palacetes representava simultaneamente uma lápide dos velhos tempos e uma placa votiva ao futuro da nova civilização" (SEVCENKO, 1995, p.31). A ampla Avenida Central rasgou a cidade, demolindo o velho concreto, junto com os velhos costumes e a velha cultura:

O alvião da Prefeitura caiu implacável sobre dezenas, centenas de prédios. A 7 de setembro de 1904, o Presidente da República e outras autoridades, num bonde sobre trilhos improvisados, já podiam percorrer a Avenida Central de ponta a ponta. O plano de urbanização prosseguia triunfante, desconcertando os céticos, os pessimistas que tinham julgado impossível o plano da empresa. E a transformação da paisagem urbana se ia refletindo na paisagem social e igualmente no quadro de nossa vida literária (BROCA, 1975, p.3)

---

<sup>1</sup> João do Rio é o pseudônimo utilizado pelo escritor. Seu nome é João Paulo Alberto Coelho Barreto ou, simplesmente, Paulo Barreto, como, algumas vezes, costumava assinar seus textos.

A demolição desenfreada que caracterizou este processo de mudança da paisagem urbana carioca ficou conhecido como “Bota Abaixo”. Para Brito Broca, o prefeito Pereira Passos pode ser considerado o Barão Haussmann<sup>2</sup> do Rio de Janeiro, já que foi responsável pela modernização da velha cidade colonial. Mas há uma diferença entre Hausmann e Passos assinalada por Broca:

Hausmann remodelou Paris, tendo em vista objetivos político-militares, dando aos bulevares um traçado estratégico, a fim de evitar as barricadas das revoluções liberais de 1830 e 48; enquanto o plano de Pereira Passos se orientava pelos fins exclusivamente progressistas de emprestar ao Rio uma fisionomia parisiense, um aspecto de cidade européia (BROCA, 1975, p.3).

No entanto, o processo de Regeneração propiciou a consolidação de um ambiente avesso em seu entorno. E é justamente o lado miserável do Rio de Janeiro da *Belle Époque* que João do Rio busca descrever em *A Alma Encantadora das Ruas*. A abolição da escravidão e a crise da economia cafeeira aliadas à idéia de progresso e riqueza instauradas com a República, estimularam uma intensa imigração para a então Capital Federal. Segundo Sevcenko (2005), a última década do século XIX apresentou um ritmo de crescimento populacional de 3% ao ano, o que significa um salto de 522.651 para 691.565 habitantes. O índice manteve-se nos dois primeiros decênios do século XX e o então Distrito Federal atingiu, em 1920, a marca de 1.157.873 habitantes. “Números fenomenais, é certo, mas que ocultavam uma situação trágica no seu interior” (SEVCENKO, 1995, p.52).

A crise habitacional - incitada pelo desemprego crônico (o mercado não conseguia assimilar tamanha demanda), pelos baixos salários, os altos aluguéis e pelas demolições iniciadas em 1892 para a reforma do porto, culminando na febre demolitória que caracterizou o processo de Regeneração – introduz as hospedarias e casas de cômodos no cenário urbano, lugares denominados “infernais pandemônios”, onde predominavam, segundo Alcindo Guanabara, “uma revoltante promiscuidade, dormindo freqüentemente em um só leito ou em uma só esteira toda uma família” (apud: SEVCENKO, Nicolau, 1995, p.56). Esses abrigos eram mais uma opção para a população pobre, que também ocupava os subúrbios da cidade, incluindo-se aí os funcionários públicos de categoria subalterna.

A grande maioria da população estava, portanto, condenada a uma vida difícil. Eram altos os índices de mendicância, desemprego e criminalidade. João do Rio, em *A Alma Encantadora das Ruas*, reserva um capítulo intitulado *Três Aspectos da Miséria* para descrever a situação que assola o Rio de Janeiro em contraste com a imponente área central. Um dos textos trata das mulheres mendigas. O tom não é de compadecimento, pois ele adentra no meio à cata de informações, como de costume, e revela o caráter golpista destas mulheres que alugam crianças, fingem doenças, inventam histórias para conseguir dinheiro: “É preciso estudar a sociedade complicada e diversa dos que pedem esmola, adivinhar até onde vai a verdade e até onde chega a malandrice, para compreender como a polícia descarta o agasalho da invalidez e a toleima incauta dos que dão esmolas” (RIO, João do, 2007, p.162).

No primeiro capítulo da *Alma Encantadora das Ruas* - “O que se vê nas Ruas” – João do Rio retrata as profissões de miséria que brotam na cidade em face do desemprego crônico: tatuadores, caçadores de gatos vendidos aos restaurantes e servidos como coelhos, os compradores de ratos que eram vendidos para a Diretoria de Saúde, os vendedores de orações, de coroas fúnebres em troca do arranjo funerário etc.

Em relação a esses subempregos descritos por João do Rio, Sevcenko (1995) afirma que existia uma aceitação oficial dos mesmos, não havendo perseguições das autoridades aos que os exerciam. “Parecia haver uma aceitação tácita da sua utilidade e mesmo necessidade com relação a setores

---

<sup>2</sup> O Barão Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), conhecido como Barão Haussmann, foi prefeito de Paris entre 1853 e 1870 nomeado durante o governo do imperador Napoleão III, tendo sido incubido da remodelação e modernização da capital francesa.

diversos do comércio e da indústria locais” (SEVCENKO, 1995, p. 60). João do Rio assevera: “A polícia não os prende, e, na boemia das ruas, os desgraçados são ainda explorados pelos adelos pelos ferro-velhos, pelos proprietários das fábricas” (RIO, João do, 2007, p.39). Os mendigos não tinham a mesma “sorte” e eram retirados da região central da cidade, atitude esta endossada e cobrada pela imprensa da época, que promovia a mesma campanha persecutória às prostitutas, criminosos e bêbados que perambulavam pelas ruas.

As recriminações por parte da imprensa e autoridades tinham por objetivo a conseqüente expulsão da camada mais pobre do seio da cidade, além da eliminação de qualquer traço popular, isolando a porção em torno da Avenida Central para os considerados elegantes ou *chiques*, modelando, por esse protótipo elitizado, tudo que ali circulasse ou se instalasse. O repúdio de um cronista da *Fon Fon* ilustra esta questão e demonstra uma diferença visível no tratamento do discurso que é estritamente opinativo e impregnado de juízo de valor, se comparado com os textos de João do Rio:

A população do Rio que, na sua quase unanimidade, felizmente ama o asseio e a compostura, espera ansiosa pela terminação desse hábito selvagem e abjeto que nos impunham as sovaqueiras suadas e apenas defendidas por uma simples camisa de meia rota e enojante de suja, pelo nariz do próximo e do vexame de uma súcia de cafajestes em pés no chão (sob o pretexto hipócrita de pobreza quando o calçado está hoje a 5\$ o par e há tamancos por todos os preços) pelas ruas mais centrais e limpas da grande cidade... Na Europa ninguém, absolutamente ninguém, tem a insolência e o despudor de vir para as ruas de Paris, Berlim, de Roma, de Lisboa, etc., em pés no chão e desavergonhadamente em mangas de camisa (apud: SEVCENKO, 1995, p.34)

Entretanto, a população não aceitava passivamente as condições que lhes estava sendo impostas. Motins e protestos foram realizados. Entretanto as autoridades perseguiram e prendiam de modo aleatório os que julgavam culpados. Qualquer pessoa sem emprego, maltrapilha ou sem residência fixa era detida, torturada e presa, alguns deportados para o Acre. Nicolau Sevcenko comenta que as agressões ressentiram a alma popular, “difundindo um sentimento agudo de abandono, desprezo e perseguição das autoridades oficiais para com a população humilde e em particular para com os brasileiros natos – presença mais marcante e vítimas principais do combate ao motim”. (SEVCENKO, 1995, p.67). Esse espírito ofendido e amargurado é representado por João do Rio no corpo de um dos textos (“Versos de Presos”) que integram *A Alma Encantadora das Ruas*. O ressentimento em relação à pátria é evidente nas trovas de um dos presidiários que entrevistou:

Sou um triste brasileiro  
vítima de perseguição  
sou preso sou condenado  
por ser filho da nação (Rio, João do, 2007, p.195)

## **2 O narrador-*flâneur*, a busca da informação e o avesso da cidade**

A palavra (*flâneur*), de origem francesa, significa aquele que passa o tempo passeando pelas ruas e praças. É o contexto de urbanização que possibilita a aparição do tipo *flâneur*, “ser necessariamente urbano, gerado, portanto, pela cidade” (PASSOS, 2001, p.80). Com a transformação do Rio de Janeiro, Marta Passos conclui que “é neste novo ambiente, nesta cidade remodelada, que se pode observar a figura do *flâneur* na obra de João de Rio. Se Paris criou o *flâneur*, o Rio o importou” (PASSOS, 2001, p.82). João do Rio, o homem da multidão, de que falava Baudelaire, perambulava despreocupado observando características e comportamentos de um Rio subterrâneo.

No primeiro texto da *Alma Encantadora das Ruas* (“A Rua”) e que compõe o primeiro capítulo do livro, o próprio narrador intitula-se *flâneur* e oferece a sua definição do verbo flanar:

“Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí...” (RIO, João do, 2007, p.19). Flanar seria então a condição básica para que João do Rio buscasse a informação na rua, principal inovação e contribuição no âmbito da reportagem introduzida pelo escritor, na opinião de Medina (1988).

Para exemplificar a condição de *flâneur* de João do Rio que implica na busca da informação na rua, tem-se o exemplo do texto – de título irônico - “Sono Calmo”, pertencente à segunda parte da obra, *Três Aspectos da Miséria*. A convite de autoridades em ronda noturna, ele visita e descreve as hospedarias baratas ou “zungas” - mencionadas no tópico anterior - e que, para Sevcenko (1995), representavam “o aspecto extremo dessa agonia social”. O escritor parece compartilhar a mesma opinião:

E começamos a ver o rés do chão, salas com camas enfileiradas como nos quartéis, tarimbas com lençóis encardidos, em que dormiam de beicho aberto, babando, marinheiros, soldados trabalhadores. Uns cobriam-se até o pescoço. Outros espapaçavam-se completamente nus [...] Trepamos todos por uma escada íngreme [...] Era a seção dos quartos reservados e a sala das esteiras. Os quartos estreitos asfixiantes, com camas largas, antigas e lençóis por onde corriam percevejos [...] à luz de vela, encontrávamos quatro e cinco criaturas, emborcadas, suando, de língua de fora; homens furiosos, cobrindo com o lençol a nudez, mulheres tapando o rosto, marinheiros [...] Havia com efeito mais um andar, mas quase não se podia chegar lá, estando a escada cheia de corpos, gente enfiada em trapos, que se estirava nos degraus, gente que agarrava aos balaústres dos corrimãos – mulheres receosas da promiscuidade, de saias enrodilhadas [...] Eu tapava o nariz. A atmosfera sufocava. Mais um pavimento e arrebentariamos. Parecia que todas as respirações subiam, envenenando as escadas, e o cheiro, o fedor, um fedor fulminante, impregnara-se nas nossas próprias mãos, desprendia-se das paredes, do assoalho carcomido, do teto, dos corpos sem limpeza. (RIO, João do, 2007, p.158-59)

E referindo-se à problemática social embutida na *Belle Époque* carioca:

A metade daquele gado humano trabalhava; rebentava nas descargas dos vapores, enchendo os paióis de carvão, carregando fardos. Mais uma hora e acordaria para esperar no cais os batelões que a levasse ao cepo do labor, e que empedra o cérebro e rebenta os músculos. Grande parte desses pobres entes fora atirada ali, no esconderijo daquele covil, pela falta de fortuna. Para se livrar da polícia, dormiam sem ar, sufocados, na mais repugnante promiscuidade... Desci. Doíam-me as têmporas. Era impossível o cheiro de todo aquele entulho humano (RIO, João do, 2007, p.159-60)

Ainda em relação ao segundo capítulo do livro, Marta Passos refere-se ao método da entrevista empregado por João do Rio, outro elemento inovador e característico da reportagem futura, na opinião de Medina (1988). Em “Os trabalhadores de estiva”, João do Rio, atrás de informações, vai até o local de trabalho destes carregadores e entrevista-os. Ele não só observa, mas tem também necessidade de ouvir. Percebe-se em João do Rio “a inquietude do habitante da cidade grande diante de seus concidadãos que ele, na maioria dos casos, vê sem ouvir” (BENJAMIN, 1989, p.225). Além disso, era capaz de encarnar o típico repórter-participante:

Em *A alma encantadora das ruas*, o narrador-*flâneur* consegue descobrir todos os segredos da cidade. Para isso, uma de suas estratégias é tornar-se empático com as pessoas e profissões que ele encontra na rua. Em ‘Os trabalhadores de estiva’, por exemplo, ele chega a pegar um bote com os estivadores para acompanhar seu trabalho. Benjamin já dizia que a multidão

para o *flâneur* é o mais novo entorpecente do abandono e que a ‘empatia é a própria essência da ebriedade à qual o *flâneur* se abandona na multidão’ (PASSOS, 2001, p.89).

Portanto, como um repórter, além de adentrar no meio para descrever os fatos da época, João do Rio buscava interagir com as personagens que integram seus textos. Investigava, denunciava, participava da forma de vida de uma parcela da sociedade – a maioria, aliás - que não se enquadrava no padrão *chic* que a burguesia estipulava para o Rio de Janeiro. Apesar de não ser um militante político e do estilo adandinado, João do Rio produziu, como constata Antônio Cândido, escritos dos mais corajosos e lúcidos sobre a situação do trabalhador. Menciona textos d’*A Alma Encantadora das Ruas*, como “Sono Calmo” e “As Mulheres Mendigas” e conclui que “nesses casos ele estava desafinando no coro de louvações do tipo ‘O Rio Civiliza-se’, que saudava a urbanização e o saneamento como feitos suficientes. Estava, na verdade, mostrando a ferida escondida pela ostentação” (CÂNDIDO, 1980, p.90).

Na última parte do livro (“Onde às vezes termina a rua”) no estilo habitual de narrador-flâneur, João do Rio critica a *ordem* almejada pela cidade a partir da *desordem* dos excluídos do *Rio civilizado*: “a desordem da própria ordem” (PASSOS, 2001, p.92):

Vai o pobre para a cova  
Vai o rico para a carneira  
Mas ao fim de cinco anos  
Ao abrir a *salgadeira*  
Quer do pobre, quer do rico  
Há só ossos e caveira  
(RIO, João do, 2007, p.226)

Entretanto, para Passos (2001), João do Rio deixa transparecer em seus textos que não se inclui no mundo que retrata, o que seria uma tentativa de promover uma identificação com o público leitor. “O leitor se sente na companhia de um igual, de um *civilizado*, que não pertence àquele *outro lado* da cidade que estava sendo observado” (PASSOS, 2001, p.90).

### **3 O discurso jornalístico no texto literário**

A crônica, por si só, é um gênero híbrido no sentido em que nasce do jornal, herdando sua efemeridade. A crônica

não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera (...) Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. (...) e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (CÂNDIDO, 1992, p.14-15)

Além dessa característica típica da crônica, nos textos d’*A alma encantadora das ruas* percebe-se, claramente, a utilização e a força dos elementos do discurso jornalístico atuando na composição de uma espécie de gênero também híbrido que abarcaria tanto a literatura quanto o jornalismo. Falamos de “crônicas-reportagem”. Utilizo esse termo partindo do seguinte: Para Massaud Moisés “Em toda crônica os indícios de reportagem se situam na vizinhança, quando não mescladamente com os literários; e é a predominância de uns ou de outros que fará tombar o texto para o extremo do jornalismo ou da Literatura” (MOISÉS, 1973, p.248).

Em João do Rio, os elementos jornalísticos são evidentes e relevantes, travando um diálogo enriquecedor com o discurso literário. Tanto é que, gradativamente, estes elementos jornalísticos introduzidos por ele saem da vizinhança e passam a ocupar o centro dos textos jornalísticos de décadas mais tarde.

Conforme já exposto, foi o tipo *flânuer* de João do Rio que desencadeou a busca da informação na rua, a entrevista e a inserção de personagens reais na história (humanização da narrativa), elementos, até hoje, basilares da reportagem. No entender de Medina (1988), João do Rio seria o precursor da reportagem no Brasil, tendo como principal contribuição para o gênero o fato de sair em busca de fatos *reais* (ou pautas, no jargão jornalístico) para tecer a sua narrativa.

Medina (1988) faz questão de enfatizar que a grande inovação introduzida por João do Rio - e que caracteriza a definição atual de jornalismo - foi a de buscar informações na rua. Observação direta e palpitante: o repórter vai à rua e constrói a história a partir do momento, do fato presente. Perpassando botequins, presídios, vielas, terreiros, João do Rio transpôs para a crônica a experiência do repórter, colocando em evidência a questão da fronteira dos gêneros. Brito Broca assinala que, com Paulo Barreto, “a crônica deixava de se fazer entre as quatro paredes de um gabinete tranqüilo, para buscar diretamente na rua, na vida agitada da cidade o seu interesse literário, jornalístico e humano” (BROCA, 1975, p.247). E esta premissa básica inerente à elaboração da reportagem atual também é endossada por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari: “O repórter é aquele ‘que está presente’, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento” (SODRÉ;FERRARI, 1986, p.15).

A capacidade de presenciar e relatar dados exteriores ao observador foi delineado, então, por João do Rio. À época dele, uma inovação que cativou os leitores que liam seus textos com avidez, segundo Brito Broca. A sua forma de narrar contrastava com a do jornalismo dominante que consistia em emitir juízos de valor ou em ter habilidade verbal para falar sobre qualquer assunto guiado pela inspiração do momento. Além de buscar a informação na rua, João do Rio apresenta em seus textos importantes características que, com o decorrer da história, tornaram-se intrínsecas à atividade jornalística:

*Religiões do Rio, Alma Encantadora das Ruas, Vida Vertiginosa, Cinematógrafo, Os Dias Passam*, livros que reúnem as **reportagens** de Paulo Barreto, oferecem, no meio de certos artificialismos estilísticos e imperfeições técnicas, aquilo que caracteriza o jornal moderno – informações. Os tipos sociais observados representam a tendência de humanização tão explorada pela reportagem atual; a descrição de costumes e de situações sociais inauguram a reportagem de contexto; de passagem, alguns traços retrospectivos do fato narrado levariam, mais tarde, à reportagem de reconstituição histórica (pesquisa, na gíria jornalística) (MEDINA, 1988, p.59)

Ainda em relação à informação jornalística, vale retomar o método utilizado por João do Rio na coleta de informações, processo este também difundido no jornalismo contemporâneo: a apuração de dados por meio de entrevistas a fontes específicas. Ele utilizou o recurso, por exemplo, em *Momento Literário*<sup>3</sup>, uma obra feita a partir de entrevistas com escritores renomados da época sobre as opiniões deles em relação à literatura do período, os gostos e preferências literárias, além das influências que contribuíam para a formação literária dos mesmos. Quando publicado, em 1905, ainda não se explorava, no Brasil, o recurso da entrevista.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari destacam quatro características principais da reportagem:

- a) Predominância da forma narrativa (com personagens, ação dramática e descrições do ambiente)

---

<sup>3</sup>BARRETO, Paulo. *O Momento Literário*. RJ: Garnier, s/d.

- b) Humanização do relato
- c) Texto de natureza impressionista<sup>4</sup>
- d) Objetividade dos fatos narrados – Em conjunto com os itens acima, os fatos devem ser relatados com precisão para garantir a verossimilhança

João do Rio explora os três primeiros itens em seus textos. Ele não persegue a objetividade, tanto é que em seus escritos predominam a primeira pessoa, reforçando o tom impressionista e subjetivo os quais são mais sutis na reportagem como a entendemos hoje. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, existe um laço obrigatório da reportagem com a informação objetiva. “Qualquer que seja o tipo de reportagem (interpretativa, especial, etc.), impõe-se ao redator o ‘estilo direto puro’, isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.9). Nesse aspecto é que se enquadra a mescla da literatura com o jornalismo em João do Rio que, apesar de utilizar recursos do fazer jornalístico, apresenta um texto literário, visto que o jornalismo separa-se da literatura justamente “por seu compromisso com a objetividade informativa” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.9). Em geral, sem relevar o traço da objetividade sempre enfatizado, os autores assim definem a reportagem:

Quando um jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, um germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regrada pelo imaginário, como na literatura de ficção, *mas pela realidade factual do dia-a-dia*, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. Esta é uma extensão da notícia e, por excelência, a forma narrativa do veículo impresso (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.11)

Assim, quanto ao tratamento estilístico efetuado por João do Rio, Cremilda Medina assim sistematiza: descrição de ambientes e fatos e o repórter como narrador (a reportagem de João do Rio apresenta um autor e não um repórter narrador que se coloca como intermediário impessoal do fato jornalístico); o diálogo repórter/fonte, acentuando o primeiro, ou seja, o autor em diálogo com alguém; o ritmo narrativo da reportagem que é constituída por descrições e comentários, quebrando a ação jornalística. “São exatamente as intersecções entre comentarista, cronista e jornalista” (MEDINA, 1988, p.63); a frase e os recursos literários.

Ainda que a criação estilística da reportagem de João do Rio não seja tão inovadora quanto ao método de captação de dados, também não se pode eliminar certo desempenho formal. O ritmo de cenas, situações descritas, é dinâmico, fixa o leitor na ação – as frases entram no ritmo, se precipitam; conforme o tema palpitante, as falas dão cor local à informação. Os deslizes retóricos ficam em segundo plano. Numa reconstituição histórica da história da reportagem no Brasil, João do Rio não é o estilista modelo, se retirado do contexto jornalístico da época e se usarmos critérios extraídos da reportagem amadurecida. No 1900, porém, *João do Rio descobre a força narrativa de fatos reais em suas reportagens* (MEDINA, 1988, p.63)

Broca (1975) afirma que, de 1900 em diante - época em que João do Rio inicia suas atividades nos jornais - os veículos passam a privilegiar a notícia e a reportagem em detrimento

---

<sup>4</sup>Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. (...) Mesmo não sendo em primeira pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação” (SODRÉ;FERRARI, 1986, p.15)



da opinião (artigos). A mudança se dá para atender ao gosto do público, transformação que caracteriza o estabelecimento do jornal como empresa (que data aproximadamente de 1890, segundo Cremilda Medina). Consequência:

Facultando aos intelectuais, aos escritores, os jornais lhes pediam menos colaboração literária – crônicas, contos ou versos – do que reportagem, noticiário, tarimba de redação. Foi ao que se amoldou João do Rio, fazendo da reportagem um gênero literário e vindo assim a servir simultaneamente ao jornalismo e à literatura (BROCA, 1975, p.61)

## **Conclusão:**

Se comparado com os textos elaborados para os jornais do início do século XX e os atuais, dos escritos de João do Rio emergem peculiaridades que situam-nos numa espécie de gênero híbrido, no caso, a crônica-reportagem. Isso porque neles figuram características de ambos, sendo bastante relevantes as inovações para a época introduzidas por João do Rio no âmbito jornalístico através dos seus textos, elementos que, aliados à literatura, contribuem para o aspecto *sui generis* dos escritos compilados na obra *A alma Encantadora das Ruas* tanto para a época em que enuncia quanto para os dias atuais.

Diante do exposto, percebe-se a confluência da literatura e do jornalismo e a permeabilidade destas fronteiras no que diz respeito à obra aqui em questão. Ao que tudo indica, João do Rio assinala e pertence a uma fase de transição: a passagem das colaborações estritamente literárias dos jornalistas para a constituição de uma linguagem especificamente jornalística que se consolidou, a partir dos anos 50, nos jornais brasileiros. Linguagem esta que prima pelo anulamento do literário, fixando-se na objetividade e na concisão como meios de transmitir os fatos do cotidiano de modo “imparcial”.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- [2] BENJAMIN, WALTER. Obras escolhidas Vol.3 Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989
- [3] CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: CÂNDIDO, Antônio [et al.]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- [4] \_\_\_\_\_. *Teresina etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- [5] CARVALHAL, Tânia. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- [6] MARTINS, Luís. Introdução. In: Rio João do. *As Religiões do Rio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- [7] MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- [8] MEDINA, Cremilda. *Notícia um produto à venda*. São Paulo: Summus, 1988.
- [9] RIO, João do. *A alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- [10] PASSOS, Marta. O flâneur no avesso da cidade. In: *Literatta – Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões* – Departamento de Letras e Artes – UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz). Ilhéus: Editus, 2001. p.79-92

- [11] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira república*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- [12] SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnicas da reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

---

**Autor(es)**

<sup>1</sup> **Patrícia de Castro Sousa, mestranda**  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
paticastrojn@gmail.com